



Revista Mulemba  
e-ISSN: 2176-381X  
v.16, n.30, e650301, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n31e65301

Entrevista

# Abra as janelas, o vento traz poesia: entrevista com Inez Andrade Paes

Open the windows, the wind brings poetry:  
interview with Inez Andrade Paes

Abre las ventanas, el viento trae poesía:  
entrevista con Inez Andrade Paes

## Laís Naufel Fayer Cerri

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: [laisnaufel@gmail.com](mailto:laisnaufel@gmail.com)

## Resumo

A presente entrevista com a escritora Inez Andrade Paes tem por objetivo conhecer um pouco mais do processo criativo da autora, suas inspirações e influências e sua relação tanto com Moçambique, onde nasceu, quanto com Portugal, lugar em que vive atualmente.

## Palavras-chave:

Inez Andrade Paes, Poesia, Moçambique.

## Abstract

This interview with the writer Inez Andrade Paes aims to learn more about the author's creative process, her inspirations and influences, and her relationship both with Mozambique, where she was born, and Portugal, where she currently lives.

## Keywords:

Inez Andrade Paes, Poetry, Mozambique.

### Editor-chefe

Carmen Lucia  
Tindó Ribeiro Secco

### Editores Associados

Marlon Barbosa  
Vanessa Teixeira

### Como citar:

CERRI, Laís Naufel Fayer.  
Abra as janelas, o vento  
traz poesia: entrevista  
com Inez Andrade Paes.  
*Revista Mulemba*, v.16,  
n.30, e65301, 2024. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
mulemba.2024.16n31e65301](https://doi.org/10.35520/mulemba.2024.16n31e65301)

## Resumen

La presente entrevista con la escritora Inez Andrade Paes tiene como objetivo conocer un poco más sobre el proceso creativo de la autora, sus inspiraciones e influencias, y su relación tanto con Mozambique, donde nació, como con Portugal, lugar en ella que vive actualmente.

## Palabras clave:

Inez Andrade Paes, Poesía, Mozambique.

O que se pergunta a um poeta que sua própria poesia já não nos tenha dito? Todas as questões abaixo poderiam ser respondidas com um verso ou um poema inteiro. Posso provar. Há um livro de Inez chamado “sobre a água/ dentro dela/ anda uma ponte”<sup>1</sup>. Essa imagem que, além de título, é, também, verso de um poema, parece ser a resposta não só para as perguntas que escolhi fazer à Inez, mas para todas as outras que não fiz.

Recorro a tal imagem poética, dentre tantas outras presentes na obra de Inez que também caberiam perfeitamente, porque ela nos impõe um outro olhar, avesso ao óbvio. Sobre água, passamos pela ponte, automáticos, apressados. No poema, há uma pausa e uma inversão do olhar, pois é a ponte que anda, enquanto nós a observamos. O movimento do reflexo da ponte na água é um fato corriqueiro, mas, na perspectiva da poeta, cria um outro movimento, um outro tempo, um outro espaço. E é esta a resposta para todas as nossas perguntas: a delicadeza. Para recuperá-la e evitar perdê-la, recomendamos poesia.

O que você lerá a partir de agora é uma pequena amostra do trabalho cuidadoso que Inez Andrade Paes tem com as palavras. Para mais, visite o blog da autora: <https://contosdefadasnaodereis.blogspot.com>

\*

---

<sup>1</sup> PAES, Inez Andrade. *Sobre a água dentro dela anda uma ponte*. Lisboa: Glaciar, 2018.

**Entrevistadora:** Em carta ao filósofo e poeta francês Arnaud Villani, Gilles Deleuze define o que seria um livro útil de filosofia. Um desses aspectos, segundo o autor, se mostra “quando se acredita que algo essencial foi esquecido sobre o tema”<sup>2</sup>. Dos temas abordados na sua poesia, o que há de essencial que você gostaria de nos lembrar com seus versos?

**Inez Andrade Paes:** Encontrar a palavra mais acesa, enfática, ligada à Natureza. Um nexos do mundo natural. Tento mencionar esse mundo de uma forma clara, mas talvez não tão inteira quanto me seria possível. A poesia desenvolve-se de outra forma. Essa questão subjaz ao texto. Não esquecendo que o ser humano não é o centro da natureza. A página inunda-se de palavras, mas calo-me, a revolta do óbvio poderia ser excessiva. Calo-me sem o desejo arbitrário de que a poesia se una ao desinteresse.

**Entrevistadora:** Tenho a impressão de que seus poemas têm o ritmo do vento. É ele quem, em silêncio, traz memórias e espalha as sementes do tempo por vir. O eu lírico na sua obra não se dissocia da natureza e está sempre “de mãos abertas ao sol”<sup>3</sup>. Diante de tantos desastres ambientais e pouca perspectiva de soluções futuras, a poesia que se fundamenta na natureza pode sobreviver? Como você se sente como escritora cujo olhar cultiva a natureza em meio a tanto desprezo?

**Inez Andrade Paes:** Sinto-me severamente triste porque faço parte da natureza.

Protejo-me dando forma lírica e distanciada ao que, no seu lado mais radical, seria uma poesia de combate, dentro de uma melancolia que é imensa e traz à tona as marcas de todos os dias<sup>4</sup>.

O vento é ondulante, breve, forte.

Será a última palavra do poeta?

Podemos partir, chegar, surgir do vento. Libertar-nos com o vento e este acompanha tantas vezes a água que lava. Mostra-nos a sua ira e só os poetas o compreendem, reconstruindo-se com ele.

---

<sup>2</sup> DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Felix Guattari*: biografia cruzada. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.100.

<sup>3</sup> PAES, Inez Andrade. *Paredes abertas ao céu*. Edição da autora, 2011. p.64.

<sup>4</sup> “Título do meu livro que estará sempre no prelo, todos os dias escrevo para ele” (explicação da autora).

**Entrevistadora:** Há um poema seu que começa com “a transparência que se une por entre as árvores”. Como é ser poeta e quando foi que você se deu conta de ser uma? Como é ver o que ninguém percebe e, ainda por cima, conseguir materializar toda a delicadeza e sensibilidade de uma imagem com palavras?

**Inez Andrade Paes:** Há dentro do poeta uma ternura que se capta no olhar físico, porque de amor se escapa, de sofrimento se constrói, reconstrói e une. O poeta filtra a mensagem dos desastres enfatizando a esperança. Nesta, o amor.

No fundo, é escrever a parte velada.

Dei-me conta de que poderia escrever quando fiz um desenho que contava a vida de uma lágrima, teria eu 10 anos. Uma simples história: um menino que chorava, uma lágrima caiu no chão por onde o menino andava, a lágrima foi pisada, espezinhada por dezenas de outros pés que passavam perto do menino. A liberdade, a lágrima do menino e a lágrima do poeta, a indiferença dos outros. Entre estes movimentos, há música, que o menino ouve e o poeta escreve, decifrando as notas e os passos desse menino perante a sua dupla dor. (A transparência do e no poeta).

**Entrevistadora:** A sua relação com a Glória de Sant’Anna vai muito além do grau de parentesco. Além de filha, você é uma das maiores admiradoras de sua obra. Gostaria que você comentasse sobre sua leitura dos poemas da Glória, tanto na época em que foram escritos quanto nas releituras que você faz, mantendo-a sempre viva.

**Inez Andrade Paes:** Desde muito pequena que desenhei nos livros da minha Mãe. A presença dela, das suas mãos, do escorrer dos dedos e da caneta, uma caligrafia belíssima que em mais ninguém vi, completa, límpida. Um decalcar de silhuetas, uma enorme âncora para tempestades ainda por perceber. Dessas mãos a escrita, a voz que murmurava entre os sons da casa e ao redor, passos pequenos, frágeis, mas marcando a robusta força da escrita.

Quarenta e seis anos vividos ao pé uma da outra. A mãe, a mulher, a amiga, a poeta, a liberdade. Antes de morrer disse-me: deixo-te os meus amigos da literatura.

Conversávamos muito sobre tudo e sobre nada no silêncio entrecortado pelos ponteiros de um velho relógio da casa. Depois mudou-se o relógio, mudou-se o corpo, mas ficou a sua luz.

A poesia de Glória de Sant’Anna tem uma força que reconstrói e renova o compasso, a distância entre os versos, a união de algumas palavras, a separação dos tempos quase sempre líquidos e nesta água une-se nascimento, palavra e morte. A morte e a luz como um corpo indissociável. O resumo das palavras na total mestria.

Há poetas que são representados por Deus, conheci alguns (e há poetas que são representações divinas, conheci alguns). A força da palavra intensifica-se e fica um corpo misericordioso.

A poesia de Glória de Sant’Anna é como um mantra que se pega à minha pele e se desenrola em música.

**Entrevistadora:** Desde 2012, o Prêmio Glória de Sant’Anna<sup>5</sup> premia livros de poesia em língua portuguesa. Quais são os critérios para a escolha do vencedor? E, para você, o que seria um bom livro de poesia?

**Inez Andrade Paes:** A base principal é a escolha de um excelente grupo de jurados. Cada jurado vota por si seguindo o seu próprio critério e selecciona as obras finalistas. Entre os livros pré-seleccionados faz-se a escolha do vencedor.

Para mim, deve ser um livro que tem de ser actual, mas também, atemporal, um livro que sobressaia no tempo e que mostre a dimensão do poeta de uma maneira inesperada e progressivamente renovada.

**Entrevistadora:** Você nasceu em Moçambique, mas, hoje, vive em Portugal. O que cada um desses lugares te ofereceu de aprendizagem que o outro não poderia oferecer? Minha pergunta é em relação a trocas culturais que cada espaço foi único em lhe proporcionar.

**Inez Andrade Paes:** Moçambique foi também o lugar onde cresci. Será sempre a casa, a base lapidar, o corpo terreno construindo os meus passos e as minhas latitudes. A pluriculturalidade que vivi desde pequena fez-me ver aspectos que só agora se evidenciam na vontade do que hoje chamam “globalização”, mas não há ainda instrução para todos a compreenderem, porque haverá sempre diferenças na Língua, independentemente de a quererem una, projectando “acordos ortográficos”. A meu ver, desnecessários porque a Língua evolui por si e é na dificuldade de compreensão do termo que surge a renovação da própria Língua. Este “acordo” aprisiona a Língua.

Moçambique por estar geograficamente distante já tinha cumprido com todos e tantos “acordos”.

Quando cheguei a Portugal foi como ter chegado a um tempo medieval que teve uma enorme importância para a percepção do real vivido pelos meus bisavós. Havia o mesmo compasso dos batuques, reorganizando a memória, um relógio compassado na mesma frequência, mas o frio e as neblinas determinavam um tempo limite de visão ampla, uma cortina por abrir, apesar de enfunar e aprisionar o vento.

A Língua apesar de ser a mesma e quase não ter fronteiras, a não ser pela sonoridade e conhecimento, para quem chega de um lugar cheio de luz, cor e sons... cala, emudece. Prisioneira do ritual de uma nova aprendizagem, como se desaprendesse e se soltasse quase tudo o que até ali já me tinha sido dado a perceber: aprender a apreender.

Na realidade, não há muitas fronteiras para o corpo que se adapta ao espaço mais cedo ou mais tarde. Mas para a Língua, a interpretação da matéria-prima e dos lugares desenvolve-se através da Poesia.

---

<sup>5</sup> Para acompanhar as premiações: <https://gloriadesantanna.wordpress.com/premio-literario/>